

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



TUMULAÇÕES DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO CENTRO/NORTE LITORAL: O CASO DAS MAMOAS DO TACO (ALBERGARIA-A-VELHA)

Pedro Sobral de Carvalho¹

RESUMO

Apresentam-se as reflexões resultantes dos trabalhos de valorização das Mamoas 1 e 3 do Taco, Albergaria-a-Velha, realizados entre 2014 e 2015. Estes permitiram a obtenção de um conjunto de informações que levaram a uma nova leitura, particularmente em relação à Mamoa 3 do Taco. A investigação feita até ao momento aponta para que os anéis centrais, não serão contrafortes de câmaras megalíticas, mas sim estruturas relacionadas com a reutilização do espaço central do *tumulus* onde primitivamente pode ter estado uma câmara funerária, entretanto destruída. Este e outros dados sobre a arquitetura destes dois monumentos, indicia um regionalismo marcado por grandes *tumuli*, essencialmente construídos em terra e argila, alguns reutilizados no Calcolítico ou Idade do Bronze, com recintos líticos centrais associados a estruturas negativas ou estelas.

Palavras-chave: Plataforma litoral, Círculos líticos, Mamoas, Megalitismo, Calcolítico.

ABSTRACT

This article presents the results of the promotion and conservation project of Taco 1 and 3 round mounds (Albergaria-a-Velha, Portugal), carried out in 2014 and 2015. Both monuments were badly damaged, in the need of throughout restoration works. In fact, these works brought a whole set of evidence that support new readings, particularly of Taco 3. Both cleaning and redefinition of the structures conceded a new opportunity to find parallels to this type of structures. The architecture of these two monuments point out to a regional patterning featured by the presence of oversized mounds, mainly built of earth and clay, some of which reused during the Copper Age or Bronze Age, when stone rings were associated with negative structures (pits) or stelae.

Keywords: Coastal platform, Stone rings, Mounds, Megalithism, Chalcolithic.

1. INTRODUÇÃO

Entre outubro de 2014 e setembro de 2015 foram desenvolvidos trabalhos de arqueologia, restauro e valorização nas Mamoas 1 e 3 do Taco, localizadas na cintura industrial de Albergaria-a-Velha, Aveiro. Estes trabalhos, promovidos pela autarquia de Albergaria-a-Velha, foram executados pela empresa Eon, Indústrias Criativas, Lda, tendo tido como responsável técnico-científico Pedro Manuel Sobral de Carvalho. Os trabalhos de restauro foram coordenados por Vera Moreira Caetano, tendo sido já objeto de publicação (Carvalho & Caetano, 2016).

Encontra-se em curso a preparação da publicação monográfica dos trabalhos executados cuja edi-

ção digital será incluída na série dos “Estudos Pré-históricos”, do Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. Este texto pretende, por isso, apenas apresentar e debater as conclusões obtidas que apontam para uma realidade muito pouco conhecida sobre as soluções tumulares do Centro Norte Litoral.

Embora o objetivo principal destes trabalhos fosse o restauro e a valorização destes dois monumentos, ao abandono desde 1985/1986, a verdade é que as ações de limpeza, escavação e redefinição das estruturas e contextos arqueológicos, permitiram a identificação de novas realidades e uma nova leitura e reinterpretação da história destes monumentos.

1. Eon, Indústrias Criativas, Lda; pedrosobraldecarvalho@eonic.pt

2. A NECRÓPOLE TUMULAR DO TACO. DESCRIÇÃO GENÉRICA

2.1. Localização

Administrativamente, as Mamoas do Taco localizam-se no distrito de Aveiro, concelho e freguesia de Albergaria-a-Velha, a uma altitude média dos 139m e apresentam as seguintes coordenadas geográficas: Mamoas 1 do Taco: 40° 42' 25.8" N / 08° 29' 43.6" W; Mamoas 3 do Taco: 40° 42' 20.8" N / 08° 29' 42.7" W.

A necrópole tumular do Taco encontra-se geograficamente enquadrada no Centro Norte Litoral, na vasta área aplanada denominada de Plataforma Litoral, mais concretamente, na plataforma de Albergaria. Esta consiste numa superfície aplanada, inclinada para oeste, em direção ao mar e que vai subindo de cota gradualmente desde os 120m até aos 200m, terminando num alinhamento de pequenos relevos com orientação N-S (Gomes e Barra, 2001: 2).

2.2. Os monumentos

As Mamoas do Taco foram descobertas pelo Prof. Patrício Teodoro Álvares Ferreira, fundador, proprietário e diretor do Colégio Portuense, em 1876. Foi neste estabelecimento de ensino que este insigne professor, oriundo de Albergaria-a-Velha e apenas com 30 anos de idade, conheceu Leite de Vasconcelos, tendo este sido seu aluno. Travou-se então uma intensa e duradoura amizade que resultou numa constante troca de informações (Ferreira, 2011).

É neste contexto que, em Setembro de 1911, Leite de Vasconcelos visita as mamoas do Taco, dando notícia das mesmas no ano seguinte (Vasconcelos, 1912; Theodoro, 1927a: 4 e 1927b: 4).

L. de Vasconcelos refere três dados que, desde logo, lhe chamaram a atenção e que, como veremos, serão corroborados pelas intervenções arqueológicas: o grande diâmetro das mamoas, a ausência de capças pétreas e a ausência de esteios visíveis (*op. cit.*: 72 e 73).

Em 1985, quando se começava a expandir o Parque Industrial e a ameaça da sua destruição era latente, foi levado a cabo por Fernando Augusto Pereira da Silva um projeto de investigação com vista ao seu estudo e salvaguarda que compreendeu a escavação das Mamoas 1 e 3 (Silva, F., 1986, 1987b e 1992).

Esta necrópole era composta primitivamente pelo menos por 3 monumentos. Mamoas 1, 2 e 3 do Taco,

tendo uma destas (nº 2) sido destruída pela construção de uma avenida estruturante do Parque Industrial de Albergaria-a-Velha nos anos 90 do séc. XX. O estado de grande degradação da Mamoas 2 havia sido já referido por Fernando Silva que a definiu, nos anos 80 do séc. passado, como "(...) limitado a um enrugamento indelével no terreno" resultante do plantio de eucaliptos (Silva, F., 1992: 265).

Os trabalhos de 2014/2015 permitiram perceber melhor as arquiteturas funerárias destas mamoas, que sublinham, de uma forma evidente, o acentuado polimorfismo a uma escala suprarregional.

A investigação resultante destes trabalhos tem permitido a perceção que as características arquitectónicas pouco comuns destes dois monumentos são apenas um reflexo ainda muito ténue de uma realidade regional mais vasta que urge estudar.

Um primeiro aspeto prende-se com o diâmetro anormal das mamoas. A mamoas 1, de planta circular, apresenta 3,4 m de diâmetro e 2,20 m de altura, sendo composta essencialmente por terras argilosas com uma estrutura pétreia intermédia, que se apresentava mais espessa ou densa no seu limite exterior. Ao centro encontra-se uma câmara poligonal alongada, de planta naviforme, com 3,60 m de comprimento (eixo este-oeste) e 2,70 m de largura (eixo Norte-sul), aberta a sudeste, com 9 esteios relativamente pequenos que ocupa uma área de pouco mais de 9 m². A mamoas 3 apresentava um *tumulus* de planta circular com 30 metros de diâmetro e 1,70 m de altura máxima conservada, composto essencialmente por terras argilosas. Em termos construtivos, apresenta uma estrutura pétreia intermédia delimitada pelo exterior por blocos em quartzo e lajes em xisto de grandes dimensões, criando uma cintura lítica de contenção periférica.

O exagerado diâmetro destes *tumuli* poderá indiciar que o seu topo fosse aplanado e não cónico, como é comum. De facto, estes dados são a prova evidente que os *tumuli* assumiam um cariz fortemente simbólico. Só assim se justifica que as comunidades construtoras dos megálitos tenham transportado cerca de 1200 toneladas de terra e pedras para a construção da mamoas 1 e cerca de 1000 para a mamoas 3. Foi um esforço enorme que exigiu a conjugação de forças certamente de toda a comunidade.

Um outro aspeto extremamente interessante, pela sua raridade, pelo menos a nível regional, é o facto do dólmen 1 do Taco e, muito certamente, também o dólmen 3, não possuírem estrutura de contrafor-

tagem pétrea dos esteios². Efetivamente, mesmo tendo como certo que os esteios pouco ultrapassariam primitivamente os 2 m de altura, seria natural possuírem contrafortes, como aliás se pode observar em quase todo o mundo funerário megalítico peninsular.

Um dos dados mais importantes resultantes da intervenção de 2014/2015 prende-se com a identificação de um conjunto de motivos gravados em quase todos os esteios do dólmen 1 do Taco, a maioria inéditos, que vêm suscitar novas visões sobre este importante assunto (Alves e Carvalho, neste volume). Se os resultados obtidos na Mamoa 1 do Taco foram extremamente relevantes para o conhecimento das práticas funerárias do Neolítico desta região, não menos excepcionais foram os dados conseguidos na Mamoa 3. Referimo-nos essencialmente à identificação de um conjunto de estruturas relacionadas com o segundo momento de utilização do monumento, que terá acontecido no III^o milénio a. C. Extremamente complexas e de difícil interpretação, estas estruturas refletem, acima de tudo, uma nova postura perante a morte.

Assim, e tendo em consideração os resultados da intervenção de 2014/2015 (Carvalho, 2015 e 2016; Carvalho *et alii*, 2017), avançamos com a hipótese de, provavelmente nos finais do III^o milénio a. C., o espaço central onde estava construída a câmara funerária megalítica do neolítico, ter sido profundamente remodelado. Estas novas comunidades destruíram a câmara megalítica, selaram todo esse espaço com terra e milhares de lascas em xisto, e em seu lugar criaram um novo espaço cenográfico composto por um murete de planta subrectangular e duas fossas escavadas no substrato de base onde colocariam, muito provavelmente, as inumações. A forte carga simbólica deste recinto lítico é sublinhada pelo achado de um conjunto de seixos quartzíticos, integrados na sua estrutura³.

3. AS MAMOAS DO TACO NO CONTEXTO DO MEGALITISMO REGIONAL

Numa primeira análise, o fenómeno tumular de

2. Dentro dos poucos casos conhecidos, podemos referir a cista megalítica da Mamoa 2 do Juncal, Manhouce, S. Pedro do Sul (Silva, F., 2001: 16, nota 30).

3. Uma descrição detalhada encontra-se na monografia dos trabalhos (Carvalho *et alii*, 2017).

Albergaria-a-Velha parece enquadrar-se numa realidade mais vasta que revela uma tendência para a inexistência de grandes necrópoles na Plataforma Litoral, em contraste com a realidade observada nas montanhas ocidentais, como por exemplo as grandes necrópoles da Serra do Arestal (Vale de Cambra e Sever do Vouga), das Talhadas (Sever do Vouga) (Carvalho, 2013), da Urreira (Arouca) (Silva, A. *et alii*, 2004), etc. Efetivamente, parece haver uma proliferação de monumentos isolados em detrimento da concentração tumular: Mamoa do Mamodeiro (Aveiro) (Lucas, 1989; Morgado & Filipe, 2009; Silva, F., 1993b; Silva, F., 1997), Mamoa da Mama da Galinha (Águeda) (Silva, F. sd.; Silva, A., 2014: 31), Mamoa dos Açores (Albergaria-a-Velha) (Silva, F., 1992; Silva, A., 2014: 30), Dólmen da Moita (Cantanhede) (Cruz, 1889-1900; Rocha, 1904), Mamoa do Peralta (Oliveira de Azeméis) (Carvalho, 2017) entre outros. Por outro lado, as poucas necrópoles que existem, parecem resumir-se a um reduzido número de monumentos como pode ser observado na necrópole do Taco (3 monumentos) e na da Sr^a do Socorro, Albergaria-a-Velha (2 monumentos) e na necrópole do Casarão, Águeda (3 monumentos) (Almeida, 2015; Coelho *et alii*, 2016). É claro que temos que considerar que a grande maioria das necrópoles tumulares do ambiente de montanha abrangem pequenas mamoaas não megalíticas cronologicamente enquadráveis nos finais da Idade do Bronze, por vezes em grande número, como é o caso, por exemplo, da necrópole da Pedra da Moura/Cerqueira (Sever do Vouga/Vale de Cambra). Sem planos de investigação que privilegiem o estudo integral das necrópoles, é difícil fazer grandes considerações. De facto, a ausência de um grande número de mamoaas na Plataforma Litoral pode apenas corresponder a uma estratégia de povoamento nos finais da Idade do Bronze que privilegiava os territórios das serras, próximos das matérias-primas essenciais para um comércio cada vez mais florescente.

No concelho de Albergaria-a-Velha são conhecidos 12 sepulcros pré-históricos, dos quais cinco se encontram destruídos⁴. Assim, podemos referir a

4. As recentes prospecções de campo feitas pelo autor têm revelado um cenário desolador, sendo muito difícil, ou mesmo impossível, a realocização da maioria dos monumentos. Acreditamos que por serem essencialmente compostos por terras e/ou argilas, a maioria dos *tumuli* da região foram completamente arrasados pela florestação.

Mamoa dos Açores (também conhecida por Mamoa da Cavada Morta ou Arrôtas), na freguesia de Valmaior, a Mamoa do Boi (também conhecida por Mamoa do Cabeço/Monte Redondo ou Cova da Moura), na freguesia de Alquerubim, as mamoas 1 e 2 da Sr^a do Socorro, na freguesia de Valmaior (destruídas), a Mamoa de S. Julião, na freguesia de Branca (Silva, A., 2014), a Mamoa 1 do Cabeço dos Mouros, na freguesia de Ribeira de Fráguas, as Mamoas 1 e 2 de Beduído, na freguesia de Albergaria-a-Velha (destruídas), a Mamoa Negra ou da Areia, na freguesia de Angeja e as Mamoas 1, 2 e 3 do Taco na freguesia de Albergaria-a-Velha (Silva, A., 2014) (Figura 1).

Na necrópole tumular do Taco temos que considerar pelo menos dois momentos: o primeiro, correspondente ao da sua construção, num período compreendido entre os finais do V^o milénio e os inícios do IV^o milénio a. C. e um segundo correspondente a uma reutilização dos monumentos que terá ocorrido durante o III^o ou mesmo nos inícios do II^o milénio a. C. A grande antiguidade do primeiro momento, uma vez que não possuímos datações radiocarbónicas, depreende-se da análise do conjunto artefactual onde estão ausentes as pontas de seta na Mamoa 1, sendo de registar apenas uma, de base côncava, exumada no topo do *tumulus* da Mamoa 3, que certamente corresponderá ao momento de reutilização deste sepulcro. Um outro aspeto que parece corroborar esta teoria, é a fraca expressividade dos recipientes cerâmicos que podemos considerar neolíticos. Por outro lado, o elemento comum a estes pacotes artefactuais de feição antiga é a presença de machados de pedra polida. Deste modo, a construção destes monumentos estaria em consonância com os momentos iniciais do megalitismo do Centro de Portugal onde também estão ausentes as pontas de seta e a cerâmica pouco ou nada representada e onde os micrólitos geométricos e instrumentos líticos polidos assumem expressividade (Carvalho, 2005; Cruz, 2001; Gomes, 1996; Gomes *et alii*, 1998).

Tendo em consideração os resultados obtidos pelas diversas intervenções arqueológicas nos monumentos do Taco, teríamos assim um primeiro momento, no Neolítico Final, composto por pequenos dólmenes de câmaras simples, poligonais, abertas, com esteios em xisto e grandes massas tumulares (*tumuli*). Se, como já referimos em outro ponto deste texto, o anormal diâmetro das mamoas parece corresponder a um regionalismo (Mamoa do

Mamodeiro, Aveiro (30m), Mamoa da Mama da Galinha, Águeda (34m), Mamoa da Maçoida, Águeda (25m), Mamoa das Arrôtas, Albergaria-a-Velha (30m), parece também haver uma tendência para as arquiteturas funerárias privilegiarem as câmaras ortostáticas simples, abertas ou fechadas. De facto, existe um número muito expressivo de dólmenes simples no litoral que vai perdendo representatividade à medida que penetramos nas montanhas ocidentais, onde dominam as necrópoles presididas pelos grandes dólmenes de corredor, como por exemplo nas necrópoles da Pedra da Moura e das Talhadas em Sever do Vouga.

Uma outra expressão regional parece ser o facto dos *tumuli* não possuírem carapaça pétreo superficial. No entanto, apresentam níveis pétreos intermédios (ao nível de cota) rematados pelo exterior por anéis líticos⁵. Um aspeto que temos vindo a observar, é o facto destas carapaças pétreas intermédias não ocuparem a totalidade da calote, parecendo, antes pelo contrário, ocuparem apenas parte dos *tumuli* (como por exemplo na Mamoa da Mama da Galinha⁶, Águeda (Silva, sd: 8-9).

Um aspeto inédito nos monumentos do Taco é o facto dos esteios das câmaras funerárias não possuírem contrafortes pétreos. Este aspeto poderá explicar-se pela própria composição dos *tumuli* à base de terras argilosas, o que, por si só, em termos funcionais poderia excluir a necessidade de construção de estruturas de contrafortagem. De facto, nas mamoas do Taco foi identificado um espessamento de terras argilosas em torno do espaço funerário, que poderá representar um contraforte. Este depósito de terras argilosas em redor dos espaços camarários já havia sido notado por Fernando Silva na Mamoa 7 da Urreira, Escariz, Arouca (Silva, F., 1989a: 301 e nota 12), No entanto, se atendermos a que existem mamoas igualmente construídas com argilas, ou terras argilosas, como por exemplo a Mama do Furo, Figueira da Foz (Vilaça, 1986) e que apresentam contrafortes,

5. No caso da Mamoa da Mama da Galinha este “anel de contenção” assume-se como um “murete” (Silva, F., sd: 9. Vide nota 28).

6. Este monumento apresentava uma segunda linha de carapaça média intermédia. Segundo F. Silva terá sido identificada uma outra estrutura no interior do *tumulus*, localizada a 10m do anel de contrafortagem da câmara funerária, (...). Na sua construção foi utilizada a mesma técnica das restantes estruturas, assim como o mesmo tipo de materiais.” (Silva, F., sd: 10).

poderemos pensar que a opção poderá relacionar-se com aspetos simbólicos. Sabemos que a construção de alguns contrafortes é por vezes desproporcional ao tamanho dos esteios, em que terá presidido, acima de tudo, não uma solução arquitectónica, mas sim cultural. Encontram-se neste caso, só a título de exemplo, o Dólmen 1 da Lameira de Cima⁷ e o Dólmen da Capela da Sr^a do Monte⁸, em Penedono (Carvalho, 2005; Gomes, 1996).

Um outro dado importante foi registado por F. Silva na Mamoa 1 do Taco, onde terá havido uma intenção de preparar o espaço funerário. Para tal, foi rebaixado o espaço interior da câmara megalítica e colocada uma “fina camada de areia” com 5cm de espessura, onde se terá identificado a maioria do espólio (Silva, F., 1985-1987: 41; Silva, F., 1992: 274). Este cuidado tido com o espaço funerário também foi registado em outros monumentos, sendo de destacar, pela proximidade, a Mamoa 1 de Aliviada (Escariz, Arouca), onde, segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, “o solo da câmara seria coberto por uma espessa camada de colorante vermelho” (Silva, F., 1987a: 33).

O segundo momento da necrópole do Taco corresponde à reutilização dos *tumuli* durante o Calcolítico ou mesmo nos inícios da Idade do Bronze.

Se esta reutilização deixou poucos vestígios na Mamoa 1 do Taco, perceptíveis unicamente em algumas peças cerâmicas, já na Mamoa 3 acabou por refletir uma profunda alteração do espaço funerário.

Associado a todo este ritual de “reestruturação” do espaço funerário, encontrava-se o depósito de um nível de terras e milhares lascas de xisto, onde foram abertas duas fossas de planta circular que perfuraram o substrato rochoso.

Esta reestruturação espacial pode representar igualmente um novo conceito perante a morte onde a sepultura coletiva é substituída por locais específicos de depósitos individuais, isto considerando que as fossas seriam locais de depósitos de indivíduos. A remodelação do espaço funerário corresponderá assim a uma nova realidade em que o valor de deter-

minados indivíduos assumirá uma preponderância social que lhes permitirá possuir um espaço sepulcral só seu.

A verdade é que este tipo de estrutura parece corresponder a uma tendência generalizada, pelo, menos nesta região litoral, sendo de registar um conjunto considerável de monumentos com estruturas semelhantes.

Na Mamoa 1 do Calvário, Escariz, foi igualmente identificado um anel delimitador do espaço central, aberto a E.SE., de secção triangular, com 3,70m de diâmetro e cerca de 0,40m de altura (Figura 4. 2). Apresentava-se muito bem construído, havendo inclusivamente uma parte deste, a norte, onde foi aberta uma vala e colocadas pedras em cutelo como reforço exterior. De notar que sob este anel foi identificado um nível carbonoso que não se estendia para o *tumulus*. (Silva, F., 1989b: 75). Pelo que se pode depreender da publicação de Fernando Silva e pelos seus desenhos, no interior deste perímetro foram identificadas 3 fossas de assentamento de esteios, descentrados em relação ao círculo, que delimitavam um espaço onde foi detetado um nível de areia coberta por um colorante ferruginoso (ocre?) onde foram recolhidas várias peças, com especial destaque para uma enxó também polvilhada com colorante vermelho. Curiosamente, o autor, atendendo ao afastamento dos esteios do anel lítico, coloca a hipótese deste ter uma função ritual (Silva, F., 1987a: 30). A este respeito refere ainda “(...) contava mesmo um nível de terras concrecionadas, semelhando calcário, muito compactas, em que as lâminas e demais espólio se encontravam aderentes (...)” (Silva, F., 1993a: 109).

Um outro monumento com estruturas similares é a Mamoa 1 do Castelo, Fajões, Oliveira de Azeméis (Figura 4. 3). A estrutura central deste monumento era definida por um anel lítico em tudo semelhante ao do Taco 3, assente sobre um volume de terra com uma potência de 0,41m, definindo um espaço de planta elipsoidal com o eixo maior de 4,57m e menor de 3,92m (Silva, F., 1994a: 36). Ao centro e afastado do perímetro deste anel lítico estava um esteio *in situ*. Um outro estava tombado sobre o anel lítico, lembrando, em particular, a Mamoa 3 do Taco, pois também aqui, como vimos anteriormente, foram identificados vários fragmentos de esteios por cima do anel lítico. A este propósito diz o autor das escavações: “(...) posição algo insólita, pois que está colocado transversalmente sobre a estrutura de con-

7. Neste monumento para os esteios do corredor com pouco mais de um metro de altura correspondia um robusto contraforte pétreo com mais de 4 m de comprimento.

8. O corredor longo com quase 8 m de comprimento do Dólmen da Capela da Sr^a do Monte possuía um dos mais bem construídos contrafortes pétreos do megalitismo da Beira Alta, com 6m de comprimento (Carvalho, 2005).

trafortagem da câmara funerária, parecendo para aí ter sido atirado, ou mesmo resvalado, durante as ações de violação do monumento.” (Silva, F., 1994a: 35). De referir o achado de parte de um recipiente campaniforme de estilo internacional.

A Mamoa 4 de Aliviada, Escariz, Arouca também apresentava um anel lítico de planta elipsoidal (Silva, F., 1988) (Figura 4.4). Embora neste caso até possamos admitir que este corresponda a um contraforte, pois é um pouco mais possante, resta a dúvida sobre o paradeiro dos esteios. Não deixa de ser estranho que as destruições tenham sido tão profundas que tenham removido sempre todos os esteios, a não ser, como já o afirmámos que corresponda a uma reformulação ritual do espaço.

Na Mamoa 7 da Urreira, Escariz, Arouca, Fernando Silva identificou um “grande amontoado de blocos graníticos, de médias e grandes dimensões, bem estruturados, dispendo-se em arco, assente numa potência de terra de 0,40 metros.” (Silva, F., 1989a: 300) (Figura 4.5). Também aqui não achou esteios conservados, tendo apenas identificado a fossa de assentamento de um monólito.

Um dos paralelos arquitetonicamente mais próximo da Mamoa 3 do Taco é a Mamoa do Mamodeiro em Aveiro (Figura 4.6). Segundo a descrição do autor dos trabalhos arqueológicos aí desenvolvidos, Fernando Silva (Silva, F., 1997), o *tumulus* era composto por terras, sem cobertura superficial, apresentando um “anel” periférico. O espaço central era definido por uma “estrutura lítica” de planta sub-circular com um diâmetro de 4m, aberto (destruído?) a Sudeste. Efetivamente, este círculo não era fechado a Este. Esta estrutura, feita exclusivamente por seixos rolados em quartzo e quartzito de pequenas e médias dimensões, unidos “por uma argamassa à base de sedimentos argilosos”, apoiava em sedimentos que variavam de potência entre os 0,20m e os 0,50m. Um apontamento interessante feito pelo autor, é o facto de a altura deste “anel” ser apenas de 0,30m contrariamente ao que é normal em estruturas de contrafortagem em que os contrafortes atingem o topo da mamoa (Silva, F., 1997: 84). Segundo este autor não foram encontradas evidências de ter existido qualquer câmara funerária. Não deixa de ser curioso, que é a dimensão desta estrutura que faz com que Fernando Silva refira a provável função simbólica deste anel (Silva, F., sd: nota 23).

Igualmente com características similares parece ter

sido a mamoa da Mama da Galinha, em Águeda⁹ (Figura 4.8). Trata-se de um grande *tumulus* com 34m de diâmetro intervencionado em 1990 por Fernando Silva¹⁰ e onde, novamente, não havia esteios, nem vestígios de fossas de assentamento de prováveis esteios. Sobre a área central, muito destruída segundo Fernando Silva, foi apenas possível identificar um anel pétreo, conservado apenas na sua metade, de planta subcircular construído “com materiais existentes na região” (*idem, ibidem*: 10). Um aspeto muito interessante e inédito, foi a observação de várias lajes de “tamanho mediano”, algumas nitidamente afeiçoadas, dispostas verticalmente e assentes sobre este anel lítico.

Outros dois monumentos com acentuadas semelhanças com a Mamoa 3 do Taco são as Mamoas 2 e 3 de Carvalho Mau, Castelo de Paiva. Embora os resultados da intervenção aí efetuada nunca tenham sido convenientemente publicados, os dados disponíveis (Silva, E., 1990 e 1995; Silva *et alii*, 1996) levam-nos a considerar estes monumentos na mesma tipologia da 2ª fase da Mamoa 3 do Taco. O monumento 2 de Carvalho Mau era constituído por uma mamoa em “terra barrenta”, com 15m no eixo N-S e 14m no eixo E-O, apresentando uma couraça de blocos de xisto e uma estrutura interna definida por um anel lítico localizado ao centro do monumento, de planta “sensivelmente” circular, com 2,5m de diâmetro. Este anel/cintura lítica, maioritariamente composto por pedras de médio e grande porte, em granito de grão fino, implantava-se diretamente no solo de base e apresentava uma largura de cerca de 0,70m e de altura de 0,50m. Numa posição central foi aberta uma fossa subcircular aberta no substrato de base, com 1,20m de diâmetro, que apresentava um enchimento de “terra mais escura misturada com lascas irregulares de xisto ardosiado, com a ocorrência, na base, de bastantes carvões, dispersos em área (Silva, E., 1990: 13). Na metade Este, na zona de maior destruição do anel, encontrou-se uma laje de xisto ardosiado com 1,20m de comprimento. Não foram identificadas fossas de assentamento de

9. Este monumento, atualmente destruído, encontra-se localizado na freguesia de Macinhata do Vouga, concelho de Águeda, a apenas 2.400 Km a sul da Mamoa dos Açores e 5.5 Km a sudeste das do Taco 1 e 3.

10. Os dados sobre este monumento encontram-se num artigo que o autor preparou para sair na revista *Agatha* (Silva, sd), que, afinal, nunca chegou a ser editada.

esteios. (Silva, E. 1990: 12-13; Silva, E., 1995: 37). A Mamoa 3 de Carvalho Mau, por sua vez, apresentou resultados muito semelhantes aos da Mamoa 2, pese embora o seu estado de destruição ser mais acentuado. Nesta mamoa, com um diâmetro de 16m, E. Jorge Silva refere o achado, na base da zona central do monumento, de bastantes carvões, muito fragmentados, colocando a hipótese de se tratar de uma lajeira não estruturada (Silva, E., 1990: 11). Um outro aspeto muito interessante é a referência de um anel “bastante regular”, composto por pedras colocadas ao nível do solo de base que se encontrava “sob uma camada de terra barrenta compacta, aparentemente homogénea, intacta e sem pedras da couraça” (idem, *ibidem*: 12)¹¹.

A Mamoa da Gestosa, Sandim, Vila Nova de Gaia, aparenta pertencer ao conjunto de monumentos com características arquitetónicas próximas das da Mamoa 3 do Taco. De facto, este monumento, escavado por Vítor Jorge em 1983 (Jorge, V., 1984), permitiu colocar a descoberto um *tumulus* baixo, de forma circular, com 13,5m de diâmetro, constituído essencialmente por argilas. O autor refere não estar “perante uma couraça pétrea típica”, pois a cobertura pétrea não revestia totalmente a mamoa, cingindo-se à sua periferia formando o que V. Jorge intitula como “coroa periférica” (Jorge, V., 1984: 27). Composto por pedras de quartzo, esta “coroa” não ultrapassava os 3m de comprimento. No entanto, o facto mais surpreendente surge ao centro do *tumulus*, onde não só não foram encontrados quaisquer vestígios de esteios, nem das suas camas, como surge um “anel de pequenos blocos de quartzo de planta sub-elíptica” (idem, *ibidem*: 31) que o autor interpreta como contraforte de uma câmara funerária megalítica ou cistoide. Não desvalorizando o facto de V. Jorge referir uma profunda violação do centro do monumento, a análise da planta do anel interno, quase cingido a uma fiada de pedras, parece indiciar uma abertura a este. O espaço delimitado interiormente por este anel lítico, com cerca de 2,60m x 1,60m, apresentava-se ligeiramente deprimido. Um outro exemplo de estruturas similares, parece ser a Mamoa 1 de Cotogrande (Cabral, Vigo) (Figura 4.7). Esta apresenta um anel lítico central de plan-

11 A ausência dos desenhos em planta nas diversas publicações de E. Jorge Silva, não nos permite saber com exatidão qual a localização dentro do monumento deste anel, pressupondo que se localizaria no centro ou próximo deste.

ta circular que parece ser aberto a SE. Segundo o autor das escavações, foi identificada uma laje em posição subvertical *in situ*, afastada do anel (Abad Gallego, 1992).

Como pudemos apurar, existe um conjunto considerável de monumentos que apresentam nas zonas centrais dos *tumuli*, recintos/anéis líticos que têm sido interpretados como contrafortes de câmaras funerárias megalíticas. No entanto, existem algumas questões que julgamos pertinentes sobre este tipo de estruturas. A primeira prende-se com o diminuto porte destas estruturas que, em regra, não ultrapassam os 0,50m de altura. Por outro lado, os monumentos com este tipo de estrutura apresentam as câmaras megalíticas completamente destruídas, sendo usual não restar qualquer esteio nas imediações. Este facto não poderá corresponder a uma destruição propositada das câmaras megalíticas por comunidades que reutilizaram as mamoas para outro tipo de ritual funerário?

O facto de, como na Mamoa 3 do Taco e na Mamoa 1 do Castelo, existirem esteios ou fragmentos de esteios poisados sobre estes anéis líticos, pressupõe que este espaço estivesse livre de terras/sedimentos. Caso contrário, como poderiam assentar os esteios sobre o anel lítico? Por outro lado, como vimos, também é recorrente que estes anéis líticos estejam afastados das fossas de esteios das câmaras funerárias. Ora, se se tratassem de contrafortes, não deveriam encostar à face externa dos esteios? Por último, um aspeto não menos importante, foi a observação do enchimento de uma das fossas de esteio da câmara da Mamoa 3 do Taco. Este foi feito através da colocação meticulosa de pedras em quartzo no interior da fossa, sobre o qual foi construído o anel.

Um outro dado pouco comum observado na Mamoa 3 do Taco e, muito provavelmente relacionado com a construção do anel lítico, é a existência de duas estruturas negativas do tipo fossa, uma no interior do recinto lítico e outra no exterior, junto à sua entrada.

As estruturas tipo poço ou fossa surgem geralmente nos espaços centrais dos *tumuli*, encontrando-se intimamente correlacionadas com estes, isto é, foram pensadas e executadas num plano concreto aquando da construção tumular como foi o caso de Chã de Santinhos, Aboboreira (Jorge, 1995) e Pena do Mochô, Mogadouro (Sanchez *et alii*, 1992), não nos parecendo, no entanto, terem, qualquer tipo de relação ou enquadrarem as estruturas negativas do Taco 3.

Para além da Mamoa 2 de Carvalho Mau, supra citada, existe um exemplo de estrutura negativa muito semelhante às do Taco 3. Trata-se da Mamoa Medorra de Fanegas, Sobrado dos Monxes, Corunha. Neste monumento foi identificada uma estrutura negativa, tipo poço, localizada muito próxima do que restava de uma câmara megalítica simples. Esta estrutura escavada no substrato, apresentava o diâmetro maior de 1,15 m e menor de 1,06 m e as paredes e o fundo eram côncavos (Caamaño Gesto & Criado Boado, 1991-1992).

Assim, em conclusão, os dados por nós obtidos, levam-nos a colocar a hipótese de, num momento indeterminado entre o Calcolítico e os inícios da Idade do Bronze, a Mamoa 3 do Taco ter sido alvo de uma profunda transformação do espaço funerário que implicou a destruição completa do pequeno dólmen do neolítico e a selagem de todo o espaço central com uma camada de terra e de milhares de lascas em xisto. Tratou-se de um ato ritual que “apagava” qualquer vestígio dos anteriores rituais. De seguida, foi construído um recinto/anel lítico, aberto a SE, no qual foram colocados seixos quartzíticos como elementos simbólicos. Nesse mesmo momento, terão sido abertas as fossas que perfuraram igualmente o substrato de base.

Numa análise mais abrangente, tudo parece apontar para que nesta região, o Centro Norte Litoral, não existam grandes necrópoles megalíticas, sendo o território, pelo contrário, pontuado por monumentos isolados ou associados em núcleos de 2 ou 3 monumentos. Os monumentos mais antigos, enquadráveis no Neolítico Final, entre os finais do V^a e inícios do IV^a milénio a. C., caracterizam-se pelos grandes *tumuli*, maioritariamente em terra, sem carapaças pétreas, com estruturas internas constituídas por pequenas câmaras megalíticas, simples, poligonais, abertas ou fechadas, que não excedem os 2,5m de altura. Os seus espólios compreendem essencialmente os geométricos, lâminas, lamelas, prismas em quartzo, machados de pedra polida e alguma cerâmica.

Ao invés do cenário do megalitismo dos Planaltos Centrais¹², extremamente polifacetado, onde coexistem câmaras simples abertas e fechadas, com dólmenes de corredor e cistas megalíticas, aqui pa-

rece estarmos cingidos aos pequenos dólmenes de câmara simples.

Num segundo momento, entre os finais do Calcolítico e os inícios da Idade do Bronze, algures no III^a milénio a. C., terão sido construídas novas mamoas, mas terão sido, também, reocupados e transformados alguns *tumuli* do neolítico. Estas transformações implicam novos rituais, cada vez mais direcionados para o protagonismo individual, que se refletem num novo tipo de estruturas: os recintos/anéis líticos inseridos em massas tumulares que substituem os esteios do neolítico.

BIBLIOGRAFIA

ABBAD GALLEGO, X. C. (1992) – El contexto cronológico de la mamoa nº 1 de Cotogrande (Cabral-Vigo), *Arqueologia*, 22, GEAP, Porto, pp. 21-27.

ALMEIDA, Miguel (2015) – *Parque Empresarial do Casarão (Casarão, Águeda, Aveiro). Intervenção de arqueologia preventiva. Relatório Intercalar*, policopiado.

ALVES, Lara Bacelar; CARVALHO, Pedro Sobral de (2017) – A arte parietal da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro). Novos resultados. Neste volume.

CAAMAÑO GESTO, José Manuel; CRIADO BOADO, Filipe (1991-1992)– La Medorra de Fanegas (Sobrado dos Monxes, Coruña). Un monumento megalítico reutilizado na época romana, *Brigantium*, 7, Boletim do Museo Arqueológico e histórico de A Coruña, pp. 7-89.

CARVALHO, Pedro M. Sobral de (2005) – A necrópole megalítica da Senhora do Monte (Penedono, Viseu). Um espaço sagrado pré-histórico na Beira Alta, *Estudos Pré-históricos*, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, vol. 12, 231 páginas.

CARVALHO, Pedro M. Sobral de (2013) – Pré-história: os senhores das montanhas, Eon, Indústrias Criativas, lda (coord), *Genius Loci: O Espírito do Lugar*, cap. 4, Câmara Municipal de Sever do Vouga, pp. 42-65.

CARVALHO, Pedro M. Sobral de (2015) – *Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha). Valorização e Dinamização Cultural. Relatório Final. Vol.1 Trabalhos de arqueologia*, policopiado.

CARVALHO, Pedro M. Sobral de (2016) – *Taco a Taco. A história de dois monumentos (Albergaria-a-Velha)*, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha.

CARVALHO, Pedro M. Sobral de (2016) – *Taco a Taco. A história de dois monumentos (Albergaria-a-Velha)*, Câmara Municipal de Albergaria a Velha.

CARVALHO, Pedro M. Sobral de (2017) – *Pré-História. A milhares de anos de distância*, in *Memórias de O a Z*, Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis.

12. Termo utilizado por Fernando Silva para definir as superfícies aplanadas que constituem o Maciço da Gralheira, Serra do Montemuro e Serra do Caramulo (Silva, 1999: 522)

- CARVALHO, Pedro M. Sobral de; CAETANO, Vera Moreira (2016). As Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha). Recuperação e valorização patrimonial, *Albergue – História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, nº 3, pp. 219-253.
- CARVALHO, Pedro M. Sobral de; ALVES, Lara Bacelar; CAETANO, Vera Moreira (2017) – As Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha), *Estudos Pré-históricos*, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, vol. em preparação.
- COELHO, Sílvia; DIAS, Gina; ALMEIDA, Miguel (2016) – *Parque Empresarial do Casarão – Fase de terraplanagem (Casarão, Borralha, Águeda). Intervenção de arqueologia preventiva*. Relatório Final, policopiado.
- CRUZ, Domingos Jesus da (2001) – *O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história Recente*, Diss. Doutoramento em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, FLUC, Coimbra, 2 vols. (polic.).
- CRUZ, P. Belchior da, (1899-1900) – A arqueologia na Figueira da Foz, *O Archeologo Português*, vol. V, nº 7, pp. 202-205.
- FERREIRA, Delfim Bismarck (1997) – O Povoamento Pré-Histórico de Albergaria-a-Velha, in *Jornal de Albergaria*, nº 94 – Ano IV, de 6 de Março.
- GOMES, António Alberto; BARRA, António (2001) – Morfologia e cobertura detrítica da plataforma litoral na área de Albergaria-a-Velha (distrito de Aveiro), *Estudos de Quaternário*, 3, APEQ, Lisboa, pp. 1-9.
- GOMES, Luis Filipe Coutinho (1996) – A necrópole megalítica da Lameira de Cima (Penedono – Viseu), *Estudos Pré-históricos*, 4, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, 198 páginas.
- GOMES, Luís Filipe; CARVALHO, Pedro Sobral de; PERPÉTUO, João; MARRAFA, Carmo (1998) – O Dólmen de Areita (São João da Pesqueira, Viseu), in *Actas do Colóquio “A Pré-história na Beira Interior”*, *Estudos Pré-históricos*, 6, Viseu, pp. 33-93.
- JORGE, Vítor Oliveira (1985) – Les tumulus de Chã de Santinhos (Ensemble Mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, 12, GEAP, Porto, pp. 96-128.
- LUCAS, Maria Miguel (1989) – “Monumento megalítico de Mamodeiro”, *Boletim Municipal de Aveiro*, ano VII, nº 13 e 14, Câmara Municipal de Aveiro, pp. 9-14.
- MORGADO, Paulo; FILIPE, Sónia (2009) – O testemunho do passar do tempo e do homem no registo arqueológico de Aveiro. Apontamentos de arqueologia. Contributo para Monografia sobre Aveiro. O contributo da Arqueologia, disponível em https://saidaslagunadeaveiro.files.wordpress.com/2014/06/pm_arqueoaveiro_final.pdf, consultado em 9/10/2015.
- ROCHA, António dos Santos (1904) – Necropole neolítica da Moita no concelho de Cantanhede, *Boletim da Sociedade Archeológica Santos Rocha*, I, pp. 6-9.
- SANCHES, Maria de Jesus; SILVA, Margarida Maria O. dos Santos; BOTELHO, Iva João Teles M. (1992) – A Mamoia 2 de Pena do Mocho – um tumulus provido de uma estrutura central em ‘poço’ (Sanhoane, Mogadouro), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 32 (1-4), pp. 201-234.
- SILVA, António Manuel S. P. (2014) – Dos vestígios do Passado ao Património Arqueológico. Algumas reflexões sobre a Arqueologia de Albergaria-a-Velha, *Albergue, História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*, nº 1, pp. 27-60.
- SILVA, António Manuel S. P.; RIBEIRO, Manuela C. S.; LIMA, António M. Carvalho;
- SILVA, Fernando A. Pereira da (2004) – *Memórias da Terra*, Câmara Municipal de Arouca, coord. António Manuel S. P. Silva.
- SILVA, Eduardo Jorge L. da (1990) – Primeira notícia da escavação de emergência do núcleo megalítico de Carvalho Mau (S. Pedro do Paraíso – Castelo de Paiva), *Revista de Ciências Históricas*, Universidade Portucalense, V, Porto, pp. 7-22.
- SILVA, Eduardo Jorge L. da (1995) – Megalitismo da Bacia do Douro (margem sul), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35, Fasc, Porto, [Atas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular], pp. 35-46.
- SILVA, Eduardo Jorge L. da; ROCHA, Manuel J. Moreira da; LOUREIRO, Olimpia M. Da Cunha; MONTEIRO, Carla I. Da Silva Nunes (1996) – *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Paiva*, Departamento de Ciências Históricas, Universidade Portucalense. Porto.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1985) – *Relatório da Escavação da Mamoia 1 do Taco, Albergaria-a-Velha*, Porto, policopiado.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1985-1987) – *Caderno de Campo 2*, manuscrito.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1986) – Mamoia 1 do Taco, *Informação Arqueológica*, 7, pp. 7-8.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1987a) – Características do megalitismo na freguesia de Escariz (concelho de Arouca), Atas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca (26-28 de Setembro 1986), Arouca, pp. 21-38.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1987b) – Mamoia 3 do Taco, *Informação Arqueológica*, 8, pp. 6-8.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1988) – A Mamoia 4 da Aliviada, Escariz – Arouca, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 28, Fasc 1-2, Porto, pp. 137-149.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1989a) – *Escavações das Mamoas 7 e 8 da Urreira*, Escariz – Arouca – 1987, *Revista de Guimarães*, 99, pp. 290-318.

- SILVA, Fernando A. Pereira da (1989b) – Mamoa 1 do Calvário, Escariz – Arouca, “Arqueologia”, 19, Porto, GEAP, pp. 72-84.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1989c) – Escavação da Mamoa 4 de Alagoas (Escariz – Arouca). 1987-1988, “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, vol. XXIX (fasc. 1-2): 93-130.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1992) – A necrópole megalítica do Taco (Albergaria-a-Velha), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 32, Fasc 1-4, Porto, pp. 263-314.
- SILVA, Fernando Augusto Pereira da (1993a) – Megalitismo e tradição megalítica no centro-norte litoral de Portugal: breve ponto da situação, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, [Atas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. I], vol. XXXIII (fasc. 1-2): 93-130.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1993b) – A Mamoa do Mamodeiro. A ocupação do Litoral de Aveiro durante a Pré-história Recente, *Boletim Municipal de Aveiro*, ano XI, 22, Aveiro, pp. 25-32.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1994a) – Mamoa 1 da Mourisca, Fajões – Oliveira de Azeméis. Resultados da escavação arqueológica, “Ul-Vária”, Arquivo de Estudos Regionais, II (1-2), Oliveira de Azeméis, pp. 23-58.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1997) – Relatório da Campanha de Escavações 3/94, Mamoa do Mamodeiro – Nª Srª de Fátima – Aveiro, Boletim Municipal – Cultura e Património, pp. 81-87.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1999) – Neolitização e megalitismo nos planaltos centrais do Centro-Norte Litoral de Portugal (Maciço da Gralheira): afirmação e consolidação das economias agro-pastoris em ambiente de média montanha, *Sanguntum*, Plav, Extra – 2, II Congrès del Neolític a la Península Ibérica, pp. 521-530.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (2001) – Mamoa da Baixa (Troviscal – Ul, Oliveira de Azeméis). Sondagens arqueológicas. Ações de Arqueologia Preventiva e de minimização de impactos. Relatório técnico-científico, Oliveira de Azeméis, policopiado.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (sd) – A Mamoa da “Mama” da Galinha, inédito (texto preparado par o primeiro número da revista AGATHA que nunca chegou a ser editado).
- THEODORO, Patrício (1927a) – Alguns apontamentos sobre: A fundação de Albergaria-a-Velha – Sua origem, in *A Gazeta*, nº 56, p. 4.
- THEODORO, Patrício (1927b) – Alguns apontamentos sobre: A fundação de Albergaria-a-Velha – Sua origem, in *A Gazeta*, nº 55, p. 4.
- VASCONCELLOS, José de Leite de (1912) – Mâmoas de Albergaria a Velha, O Arqueólogo Português, Lisboa, 1ª Série, 17, pp. 71-73.
- VILAÇA, Raquel (1986) – A mamoa da “Mama do Furo” (Figueira da Foz), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 26 (1-4), Porto, SPAE, pp. 95-117, XI ests.

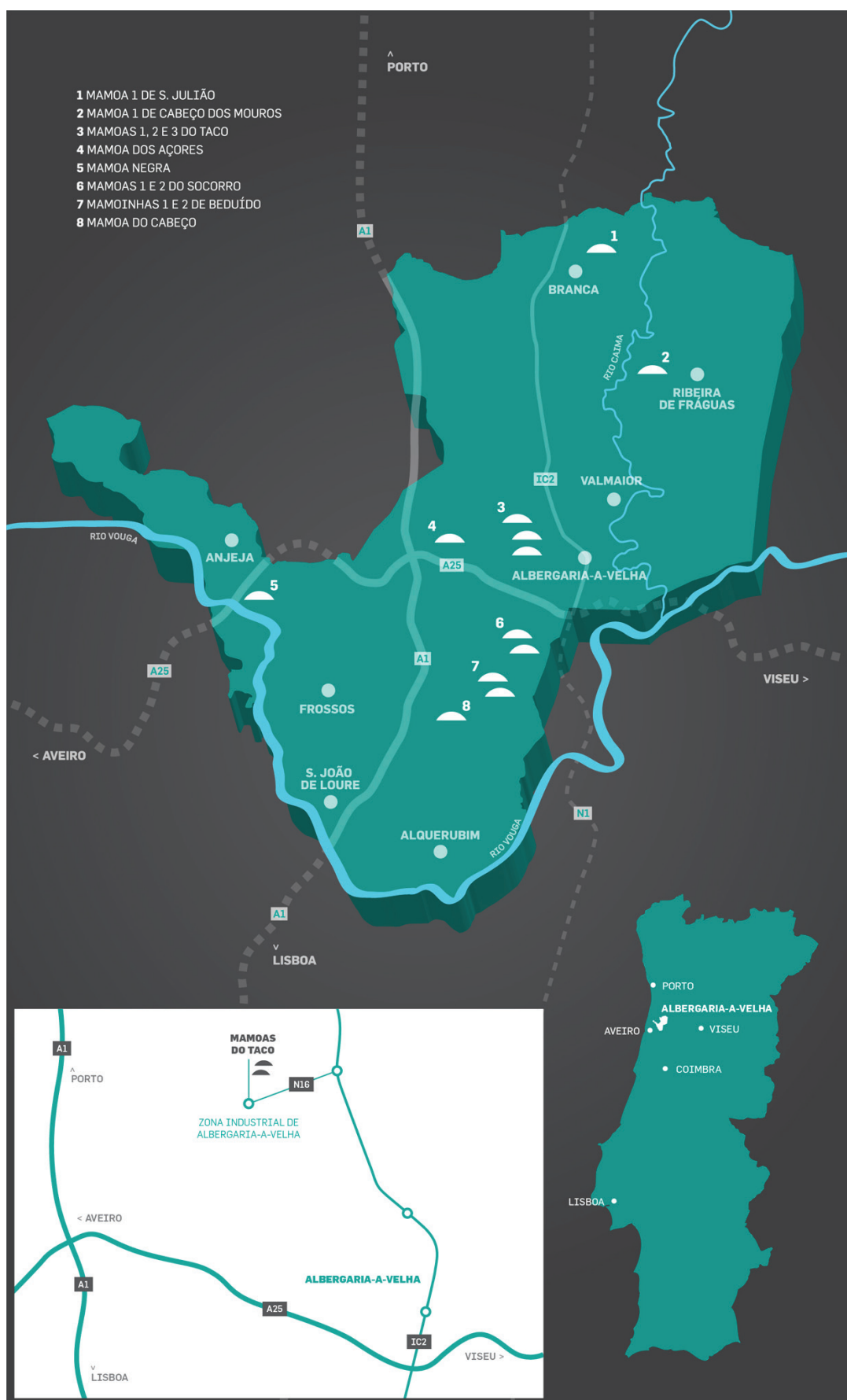


Figura 1 – Localização dos *tumuli* do concelho de Albergaria-a-Velha.



Figura 2 – Câmara funerária da Mamoa 1 do Taco. Levantamento tridimensional (Hugo Pires). 2015.



Figura 3 – Área central da Mamoa 3 do Taco. Levantamento tridimensional (Hugo Pires). 2015.

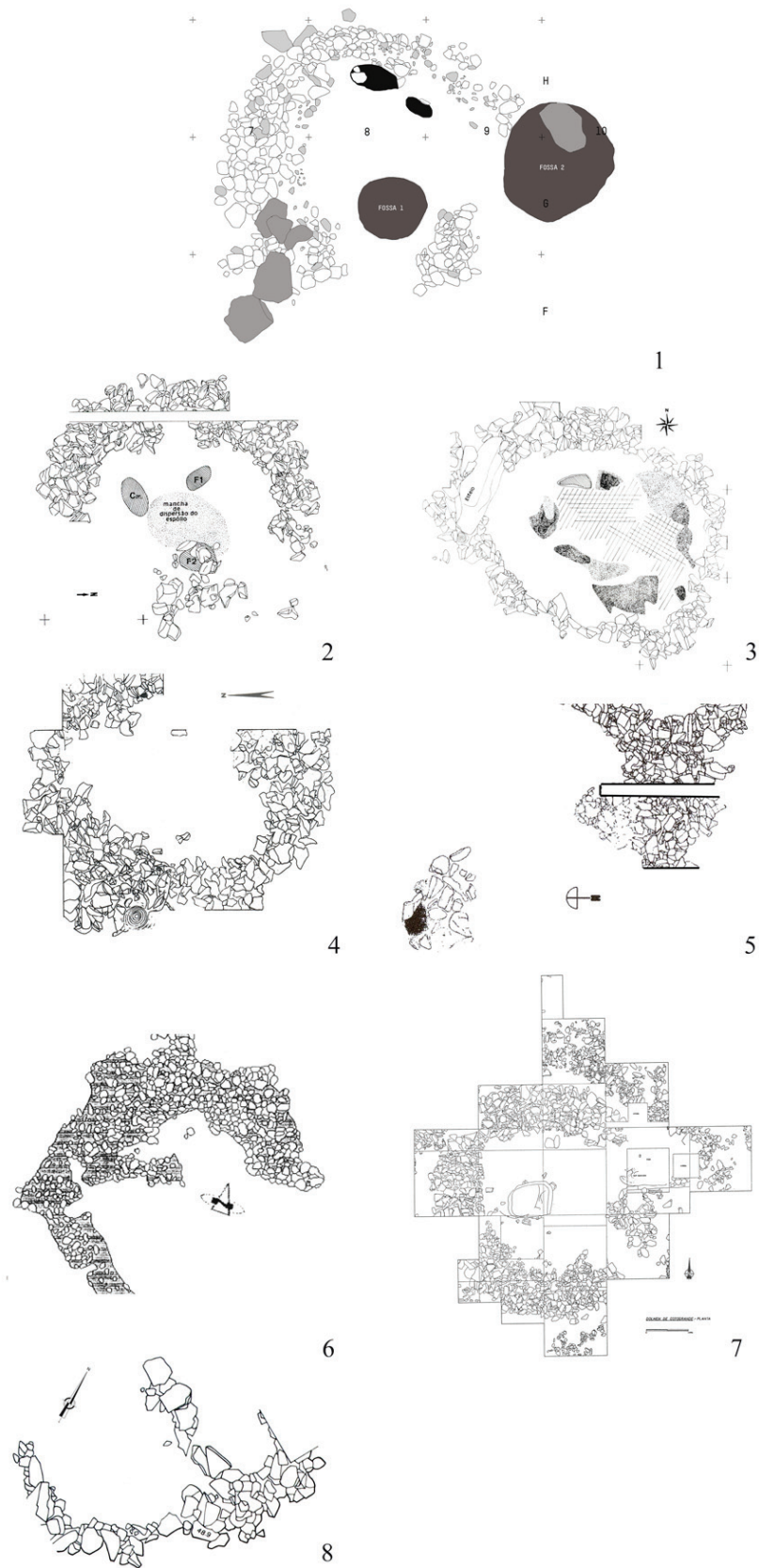


Figura 4 – Exemplos de monumentos com círculos centrais na região Centro/Norte Litoral: 1- Mamoa 3 do Taco (seg. Carvalho, 2015); 2 – Mamoa 1 do Calvário (seg. Silva, F., 1989b)); 3 – Mamoa 1 do Castelo (seg. Silva, F., 1994a)); 4 – Mamoa 4 da Aliviada (seg. Silva, F., 1988); 5 – Mamoa 7 da Urreira (seg. Silva, F., 1989a); 6 – Mamoa do Mamodeiro (seg. Silva, F., 1997); 7 – Dólmen de Cotogrande (seg. Abbad Gallego, 1992); 8 – Mama da Galinha (seg. Silva, F., sd.).



Patrocinador oficial